

3.

A Lingüística Sistêmico - Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) desenvolveu-se intensamente nos anos 80 e uma das figuras mais importantes para o seu desenvolvimento foi Michael Alexander Kirkwood Halliday, linguista nascido no Reino Unido em 1925 e um dos precursores da teoria em questão.

A perspectiva funcional para estudos lingüísticos diferencia-se da perspectiva tradicional na medida em que esta última vê a linguagem como desvinculada do uso e do contexto. De acordo com Bagno (2006), a normatização e padronização descontextualizadas retiram da língua a sua característica social, complexa e dinâmica da linguagem, esta sendo vista como um objeto externo a seus falantes, uma entidade com vida própria que está alheia aos que, de fato, fazem uso dela. Os funcionalistas, por outro lado, assumem a postura de que a gramática não é um sistema autônomo bem como não pode ser entendida separadamente de fatores tais como comunicação, cultura, interação, etc. A gramática funcional, embora analise a estrutura gramatical, inclui na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo (Nichols, 1984).

A lingüística sistêmica é funcional, ou seja, ela procura dar conta de como a linguagem é usada, uma vez que qualquer enunciado está inserido em um contexto de uso¹. A língua não existe arbitrariamente, ela evolui para satisfazer as necessidades dos usuários que dela se apropriam, delineando, desta forma, um sistema natural adequado à realidade circundante e no qual tudo pode ser atrelado e explicado de acordo com a produção dos falantes. Neves (1997, p. 2) explica que:

(...) qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente.

¹ A noção de contexto, bem como seus tipos, será retomada nesta seção.

Os falantes de uma língua são capazes de perceber bem cedo que a língua que os circunda varia de acordo com as diversas situações de interação da vida social nas quais se engajam. Quando esse conhecimento intuitivo é posto em prática e conseguimos entender que o contexto influencia nossas escolhas, estamos fazendo um uso funcional da linguagem.

De acordo com Halliday, a língua é um sistema potencial de significados. Cada escolha gera uma série de novas opções que se especificam em redes de possibilidades, a partir das quais o falante cria os significados. Embora seja impossível dar conta de todas as redes nas quais cada nó (escolha) da língua se desdobra, a Lingüística Sistêmica contribui para o entendimento de como os textos conseguem ou não expressar seus significados utilizando as potencialidades da língua. Essa contribuição acontece por meio da análise textual.

A LSF propõe a gramática como naturalmente relacionada ao significado, em outras palavras, ela é um sistema que realiza os padrões semânticos surgidos devido às necessidades dos falantes de interpretar a experiência humana e trocar com os outros, ou seja, pensar e agir com a língua respectivamente. De acordo com Butt et al (1998, p. 11), “*a gramática funcional não é uma série de regras, mas uma série de recursos para descrever, interpretar, fazer e significar cultura*”.

Para a LSF não existe língua desconectada do uso, isto é, a linguagem é social e ela só ocorre se estiver imbricada na sociedade. Assim, essa abordagem tende para o que é real e funcional e não para um ideal de linguagem desprovido de aplicação social.

De acordo com esta teoria, os textos são unidades semânticas realizadas através de fraseados², os quais são explicados pela gramática cuja orientação é funcional e semântica, isto é, deve estar vinculada ao uso. Halliday (1994) explica que existe uma preocupação atual com a análise do discurso que parte da prerrogativa que esta pode ser encaminhada sem gramática, e muitas vezes, ao invés da gramática. Com relação a esta tendência, o autor argumenta que “*uma análise de discurso que não é baseada em gramática, não é uma análise, mas simplesmente o comentário de um texto*” (Halliday, 1994, p. xvi).

² Halliday (1994) originalmente utiliza o termo *wording* e o define como o meio através do qual os significados são realizados nas frases, isto é, seqüências gramaticais ou sintagmas que contêm itens lexicais e gramaticais. A gramática é uma teoria de fraseados.

O texto é uma unidade semântica que veicula seus significados a partir dos fraseados, e interpretá-los significa fazer uso de uma teoria de fraseados que é a gramática. Para tanto, a gramática do discurso deve ter um lugar central na análise de textos, além de ter categorias que de fato reflitam os padrões semânticos. Desta forma, a análise estará voltada para o exterior do texto, seu universo não linguístico, significados e contextos, e não apenas para as suas formalidades interiores.

O texto é um conjunto harmonioso de significados entrelaçados cujas partes contêm elementos estruturais adequados aos seus objetivos e contexto. Embora pareça que o texto é formado puramente de palavras e orações, o texto é, na verdade composto por significados, que devem ser codificados em palavras e estruturas para serem comunicados. Todos os significados são totalmente inéditos, criados dialogicamente e modificados de acordo com a contextualização social onde se configuram (Bakhtin, 1992). Halliday (1994) propõe, então, que o texto deva ser o ponto de partida para qualquer pretensão de entendimento de como utilizamos a língua para conseguir coisas e fazer com que elas aconteçam.

Halliday utiliza a noção de contexto (e seus dois tipos) de Malinowski (1923, 1935 apud Halliday & Hasan, 1989), desenvolvida após a experiência desse antropólogo e linguista em um grupo de ilhas do Pacífico Sul conhecidas como Ilhas Trobriand. Malinowski fez seu estudo em Kiriwinian, dialeto utilizado pelos nativos da região. Como a cultura local era muito diferente da ocidental, Malinowski encontrou dificuldades ao traduzir seus textos de modo que fizessem sentido para os falantes de inglês. Com o objetivo de expor seus achados e torná-los inteligíveis para os leitores de língua inglesa, o autor fez uso de extensos comentários nos quais ele explicava e posicionava o texto no seu ambiente de uso. Malinowski criou, assim, o termo ‘contexto de situação’ (Malinowski, 1923), utilizado por Halliday na sua gramática sistêmica, também criou o termo ‘contexto de cultura’ que será explicado a seguir.

Portanto, o texto se desenvolve e adquire sentido em dois contextos necessários para o seu entendimento. Primeiramente e de forma mais geral, temos o contexto de cultura que circunda o texto e está relacionado às formas como diferentes culturas utilizam a língua. Obviamente, existem diversas maneiras de expressar significados, por exemplo, formas de tratamento e polidez que variam de acordo com as culturas. Logo, qualquer tipo de interação linguística não

consiste apenas em sons e sinais trocados, mas envolve todo o contexto histórico daquela cultura e dos participantes envolvidos naquela prática. A interpretação do significado depende da realidade cultural dos falantes.

Além do contexto cultural existe o contexto de situação, que consiste nas variações de linguagem mais particulares dentro de cada cultura, conforme o momento em que ocorrem. O contexto de situação corresponde às características extralingüísticas dos textos que se realizam a partir dos padrões utilizados pelos falantes, consciente ou inconscientemente, para construir textos nas diferentes variedades (Butt et al, 1998). Sobre o contexto de situação, vale ressaltar ainda que a configuração contextual é formada por três elementos que determinam as escolhas lingüísticas que, por sua vez, criam significados distintos. São eles: campo, relações e modo. Tais elementos estão relacionados às metafunções da linguagem que também serão expostas nesta seção.

O campo (*field*) corresponde ao evento que está ocorrendo, à natureza da ação social, seus objetivos a longo e curto prazo. Esse elemento está relacionado à função ideacional ou experiencial da língua que é representada pelo sistema de Transitividade (cf. detalhes na seção 3.2). Já as relações (*tenor*) correspondem à natureza dos participantes, seu status, papéis e a forma como estão relacionados, por exemplo, falante e ouvinte, escritor e leitor. As relações, por sua vez, estão ligadas à Metafunção Interpessoal realizada a partir do sistema de Modo. Por fim, temos o modo (*mode*), que consiste no papel da linguagem e organização do texto, isto é, o que os participantes esperam que a linguagem faça por eles naquela situação. O modo relaciona-se à Metafunção Textual da linguagem realizada através do sistema de Tema e Rema (cf. detalhes na seção 3.1). A relação entre elemento do contexto, metafunção e sistema de representação está esquematizada na Figura abaixo.

Elemento do contexto	Metafunção da linguagem	Sistema de representação
Campo	Ideacional / Experiencial	Transitividade
Relações	Interpessoal	Modo
Modo	Textual	Tema e Rema

Figura 3.1 - Relação entre elemento do contexto, metafunção da linguagem e sistema de representação.

Como foi dito anteriormente, a linguagem é utilizada para um determinado fim, ou seja, ela serve para satisfazer as necessidades de expressão daqueles que se utilizam dela para se comunicarem. Sendo assim, para Halliday (Halliday & Hasan, 1985), a linguagem deve ser explicada a partir das suas funções na vida social, as quais não se referem a algo que a integra.

O termo função é utilizado por vários estudiosos com definições diversas. Karl Bühler, por exemplo, identifica três funções da linguagem: a de representação, a de exteriorização psíquica e a de apelo, sendo a primeira aquela que caracteriza a linguagem como atividade humana (Neves, 1997). Roman Jakobson (1969, apud Neves, 1997), por sua vez, incorpora outras três funções ao modelo de Bühler totalizando seis funções da linguagem presentes em qualquer mensagem em níveis variados e relacionadas a fatores envolvidos no processo de comunicação. As funções, segundo Jakobson, e seus respectivos elementos da comunicação são: referencial (contexto), emotiva (remetente), conativa (destinatário), fática (contato), metalingüística (código) e poética (mensagem).

Para Halliday, no entanto, é necessário tomar uma postura que priorize também as características intrínsecas da linguagem. Para ele, a variedade de funções está refletida nas estruturas internas da língua cuja análise muito pode revelar sobre os fins aos quais esta se propõe. O autor sugere que a linguagem tem a função de servir aos variados tipos de demanda dos indivíduos ao se comunicarem. (Neves, 1997).

Além disso, Halliday procura explicar como as funções da linguagem são constituintes dos enunciados e como as necessidades dos falantes moldaram a forma como estas evoluem. As seguintes Metafunções foram identificadas por Halliday:

- Metafunção Ideacional
- Metafunção Interpessoal
- Metafunção Textual

A Metafunção Ideacional refere-se à possibilidade que a linguagem oferece de falar sobre o mundo, representá-lo, transmitir e expressar idéias. Vê a oração como representação e seu significado é a expressão de algum tipo de evento, ação, estado ou outro fenômeno do mundo real (Halliday & Hasan, 1989).

A linguagem tem a capacidade de criar significados experienciais e a oração é o meio pelo qual isso se materializa uma vez que ela tem a finalidade de expressar os processos que controlam e denotam a realidade. Um Processo³ subentende Participantes, Circunstâncias e Processos (geralmente representados por verbos). Halliday identifica três tipos principais de Processos (Materiais, Mentais e Relacionais) e três outros tipos secundários (Verbais, Comportamentais e Existenciais) que se encontram nos limites entre os três principais. Os detalhes referentes a essa Metafunção estão na seção “Metafunção Ideacional - Sistema de Transitividade” (item 3.2).

Em se tratando da Metafunção Interpessoal, pode-se dizer que ela é a característica que a linguagem tem de ser utilizada para estabelecer trocas e relações entre falante e ouvinte, cujos papéis são definidos durante a interação. A linguagem é uma forma de agir no meio social. Essa função é realizada principalmente a partir do sistema de Modo que não será uma das áreas de concentração da análise dos textos.

Por fim, temos a Função Textual que é responsável por organizar estruturalmente as outras duas funções de modo que a mensagem seja reconhecível para o receptor. Neves (1997, p. 14) explica que *“a função textual não se limita simplesmente ao estabelecimento de relações entre as frases, referindo-se, antes, à organização interna da frase, ao seu significado como mensagem, tanto em si mesma quanto na sua relação com o contexto.”* O sistema que realiza a Metafunção Textual é o sistema de Tema e Rema que será explicado na seção 3.1, a seguir.

3.1

Metafunção Textual - Sistema de Tema e Rema

A Metafunção Textual da linguagem se refere à sua característica de poder organizar a própria linguagem em um significado lógico. Toda língua possui uma rede de relações lógicas fundamentais para representar o significado (Halliday &

³ Os termos de gramática sistêmico funcional em português foram retirados da lista aprovada pelas equipes de investigação da FLUL, do projeto DIRECT da PUC-SP, e por outros pesquisadores da LSF.

Hasan, 1989). O sistema que realiza a Metafunção em questão é o de Tema e Rema.

De acordo com Halliday, em toda língua a oração tem status de mensagem, ou seja, sua organização e estrutura lhe dão a característica de evento comunicativo. O que de fato organiza a oração como mensagem é a sua estrutura temática. Para tal, um elemento é enunciado como Tema e se combina com o restante da oração (denominado Rema). Em línguas como o inglês e o português, por exemplo, o Tema é indicado pela posição na oração.

O Tema é o ponto de partida da mensagem, a base a partir da qual a mensagem se desenrola. O Tema é o elemento que surge em primeiro lugar e organiza a oração textualmente, ou seja, quando se decide tematizar determinado elemento, tanto em inglês como em português, este é colocado em posição inicial para que ele se constitua como Tema da oração e esta se desenvolva a partir deste ponto.

Halliday enfatiza que a posição inicial não deve ser o fator que define a categoria Tema e sim o meio pelo qual podemos identificá-lo na mensagem. Na gramática sistêmico-funcional não se pode descrever as categorias através de propriedades formais apenas (a posição, por exemplo) já que isso iria de encontro à própria filosofia dessa abordagem que prioriza uma classificação mais atrelada às funções semânticas da língua.

O Tema simples é composto por apenas um elemento estrutural, ainda que esse elemento tenha uma estrutura interna complexa, visto que se trata de um único constituinte da sentença. Por exemplo, na oração *on the ground or in the air small creatures live and breathe* (na terra ou no ar, pequenas criaturas vivem e respiram) o Tema “*on the ground or in the air*” é um grupo complexo; no entanto, representa um único constituinte da oração, sendo classificado, portanto, como Tema simples. Os Temas simples podem ser realizados através de um grupo nominal, adverbial ou um sintagma preposicionado.

Há ainda um outro recurso temático que reúne dois ou mais elementos formando um constituinte único de uma oração onde o Tema se iguala ao Rema através de uma relação de identificação. Um exemplo⁴ desse tipo de sentença, cuja

⁴ Todos os exemplos de Halliday, 1994 e Thompson, 1996 foram traduzidos pela pesquisadora.

relação de identificação é expressa pelo verbo *ser* que iguala as duas orações, pode ser visto abaixo (Halliday, 1994, p. 40).

(1)

O que o duque deu para minha tia	foi uma chaleira
Tema	Rema

Esse tipo de sentença é denominado por Halliday de “equativo temático” na qual o Tema é simples, tendo sido transformado em um grupo nominal pelo recurso da nominalização. A nominalização permite que qualquer elemento da oração seja colocado em posição temática, proporcionando, dessa forma, a possibilidade de o falante estruturar a mensagem da forma que lhe for mais conveniente, isto é, tematizar o que lhe parecer prioritário.

Quando a identificação Tema = Rema é feita, há uma intenção de igualar o Tema ao Rema e a nada mais (Halliday, 1994). É importante salientar essa função dos equativos temáticos já que a mesma denota uma característica semântica fundamental de análise, pois a partir dela é possível apontar quais as identificações entre conceitos que o falante tem em mente quando produz os enunciados. Para a análise dos textos desta pesquisa, a identificação dos equativos temáticos pode indicar com que tipo de idéia os professores participantes da pesquisa identificam sua profissão.

Ainda sobre as propriedades funcionais dos equativos temáticos, Thompson (1996) argumenta que esse tipo de oração pode ser comparado às orações interrogativas na medida em que ambas são iniciadas por pronomes interrogativos e indicam uma “lacuna” a ser preenchida. No caso das interrogativas, espera-se que esse vazio seja respondido pelo ouvinte da mensagem enquanto, nos equativos temáticos, o próprio falante completa sua mensagem preenchendo a lacuna que ele propôs. Em relação ao último caso, o autor explica que essa é uma estratégia discursiva utilizada pelo falante para colocar no discurso uma possível pergunta que o ouvinte faria. Esse tipo de estratégia está ilustrada no exemplo (2), abaixo (Thompson, 1996, p. 126).

(2)

O que você precisa fazer	é me escrever uma carta oficial solicitando um ramal
Tema	Rema

Nesse caso, o Tema *o que você precisa fazer* corresponde à pergunta “O que eu preciso fazer?” que o ouvinte poderia estar imaginando naquele momento discursivo.

Para que se entenda quais as noções que permeiam a escolha do elemento temático, algumas categorias do sistema de Modo serão brevemente mencionadas. Tanto em inglês quanto em português, as orações podem ser indicativas ou imperativas. As orações indicativas, por sua vez, se dividem em declarativas e interrogativas. Cada um desses tipos de oração possui um padrão mais recorrente de tematização, isto é, um Tema não marcado. Sobre essa noção de marcação, Butt et al (1998) explicam que, quando os linguistas definem um elemento como não marcado, significa que este é o caso mais esperado e comum. Por outro lado, quando algo é classificado como marcado, podemos entender que aquilo não é usual e deve ser notado devido à forma como é destacado. Aplicando esse conceito ao Tema, é possível identificar padrões típicos e não típicos de estrutura temática e como foi dito anteriormente, tal separação dependerá fortemente do tipo de oração em questão.

No caso das orações declarativas, o padrão mais usual é aquele onde o Tema coincide com o sujeito, constituindo, dessa forma, o que chamamos de Tema não marcado já que essa é a opção mais recorrente, a menos que haja alguma razão discursiva para que se opte por outra alternativa. Caso algum outro elemento diferente do Sujeito seja tematizado, pode-se dizer que a oração possui um Tema marcado.

Em se tratando do item mais comumente tematizado nas orações declarativas, Halliday (1994) explica que naquelas cujo Tema não é marcado, os pronomes pessoais são os elementos que aparecem mais frequentemente como Tema. Em segundo lugar, temos os grupos nominais e, por fim, as nominalizações. Por outro lado, nas orações onde o Tema não coincide com o Sujeito, ou seja, ele é um Tema marcado, a opção costuma ser a de tematizar um

grupo adverbial ou um sintagma preposicionado. O padrão temático nas orações declarativas está esquematizado na Figura 3.2 a seguir.

Orações declarativas	
Tema não marcado	Tema marcado
Pronomes pessoais Grupos nominais Nominalizações	Grupo adverbial Sintagma preposicionado

Figura 3.2 - Padrão temático nas orações declarativas

Em menor escala, há a tematização de um complemento como “*nature*” em “*nature I loved*” (*A natureza eu amava*). Nesse caso, o Tema é um grupo nominal que é um Sujeito em potencial, mas que não está funcionando como tal e sim como complemento⁵. É interessante notar que o grupo nominal, apesar de ter potencial de sujeito, funciona como complemento e, ainda assim, foi escolhido como Tema da oração. Isso quer dizer que, entre diversas opções possíveis e inclusive mais usuais, em algumas orações, o complemento é colocado em posição de destaque, refletindo, dessa forma, uma escolha intencional do falante por um certo elemento como ponto de partida da mensagem para atingir um determinado efeito discursivo. Thompson (1996) acrescenta ainda que a tematização de um adjunto é menos marcada do que a de um complemento (muito marcada) visto que a ocorrência do primeiro nas orações declarativas é maior do que a do último. As orações a seguir podem ilustrar respectivamente os dois tipos de tematização (Thompson, 1996, p. 121).

(3)

Na noite passada	um homem estava ajudando o inquérito policial
Tema	Rema

⁵ O complemento é definido por Halliday como o elemento que poderia ser o sujeito e não é (Halliday, 1994, p. 80).

(4)

Amigos como aqueles	eu posso viver sem
Tema	Rema

No exemplo (3), a tematização do adjunto *na noite passada* é mais usual e, portanto, menos marcada do que a do complemento *amigos como aqueles*, no exemplo (4).

O segundo tipo de oração indicativa são as interrogativas que, em geral, têm a função de propor uma pergunta, uma indicação de que o falante quer ser informado sobre alguma coisa. Elas podem ser de dois tipos: primeiramente, temos as orações de polaridade, onde o falante quer saber uma resposta que varia entre sim ou não, como por exemplo na pergunta *Você já está pronto?*. Há também as orações onde o falante deseja conhecer o significado ou a representação de algum elemento, como em *Onde estão as chaves?*.

Halliday (1994) explica que nas orações interrogativas de polaridade, o Tema é o Finito (operador verbal), elemento que detém a carga da polaridade na língua inglesa, seguido pelo Sujeito, formando um tema de duas partes como por exemplo *is* e *anybody* na frase *Is anybody at home?* No entanto, em português, a posição temática em orações de polaridade é ocupada pelo próprio Sujeito e pelo Finito, sem o operador verbal conforme a tradução da frase acima citada:

(5)

Alguém	está em casa?
Tema	Rema

Neste caso, *alguém* é o Tema não marcado, isto é, aquele que coincide com o sujeito. A noção de tempo presente fundida na forma verbal representa o Finito do Modo Oracional nas orações em português. Além disso, a riqueza do sistema flexional da língua portuguesa oferece ainda a possibilidade de tematização do próprio verbo como em: *Vais à feira?* onde o sujeito pôde ser suprimido devido ao fato de o próprio verbo conter a noção do *tu* implícito na oração.

As orações interrogativas onde o falante está procurando a identidade de algum item são introduzidas por pronomes interrogativos tais como *Que, Qual, Quem*, etc. ou advérbios interrogativos como *Quando, Onde*, etc. De acordo com a gramática funcional, o Tema nessas orações é o próprio pronome interrogativo já que é ele que aparece em primeiro lugar na oração bem como denota a natureza da informação que o falante deseja saber, que é o ponto de partida da interrogação. Pode-se dizer, portanto, que esse tipo de oração carrega o padrão temático mais regular (Tema em posição inicial) na sua própria estruturação, já que colocar o pronome interrogativo em primeiro lugar é um uso habitual e por consequência não marcado. Sendo assim, no inglês, o falante não escolhe iniciar a pergunta com um pronome interrogativo, essa é uma estrutura já imbricada no sistema da língua e através da qual a interrogativa é expressa. Contudo, a língua portuguesa dispõe de uma outra possibilidade de estrutura temática em orações desse tipo verificada em *Você vai comprar o quê?* onde o pronome interrogativo é deslocado para o final da frase no intuito de mudar o foco interacional, já que esse deslocamento coloca o pronome pessoal novamente como Tema como acontece nas orações declarativas. Entretanto, essa colocação seria a opção marcada haja vista sua ocorrência menos comum na língua em orações interrogativas. A Figura 3.3 abaixo ilustra o padrão temático nas orações interrogativas em português.

Tema nas orações interrogativas em português	
Orações de polaridade	Orações iniciadas por pronomes interrogativos
Pronome Pessoal (opção não marcada)	Pronome interrogativo (opção não marcada)
Verbo (opção marcada)	Pronome Pessoa (opção marcada)

Figura 3.3 - Padrão temático nas orações interrogativas

Para finalizar a discussão sobre Tema em orações interrogativas, podemos indicar que, em português, a opção mais típica nas orações de polaridade e, portanto, não marcada, é o Sujeito como Tema da oração. Da mesma forma, nas orações iniciadas por pronomes interrogativos, o próprio pronome interrogativo é

o Tema, constituindo também uma opção não marcada devido ao fato de o pronome ser o ponto de partida natural desse tipo de oração.

Passo agora a uma breve explicação sobre o Tema nas orações imperativas. Em geral, as orações imperativas veiculam uma mensagem de ordem do tipo “*Faça alguma coisa*”. Nesse caso, a forma mais típica é aquela em que o verbo se encontra em posição temática, como em:

(6)

Fique	quieto
Tema	Rema

(7)

Não mexa	Nos livros
Tema	Rema

A segunda oração é uma imperativa negativa onde o Tema engloba tanto o verbo quanto o advérbio de negação que o precede. Há ainda uma opção marcada onde o sujeito está presente e é tematizado, fugindo, portanto, dos padrões mais usuais. Um exemplo de tema marcado em orações imperativas seria “*Você fique quieto*”.

Como se pode notar, o Modo Oracional influencia e determina os Temas mais típicos em inglês e português. Quando um elemento fora dos padrões mais usuais é tematizado, é porque há uma razão semântica ou um contexto discursivo que favoreça tal escolha. Além dos Temas característicos de cada Modo Oracional mencionado acima, existem também outros elementos que possuem um *status* na estrutura temática da oração e são descritos por Halliday (1994, p. 48) como “temas característicos”.

Dentre esses Temas característicos (Ibid), temos, em princípio, os adjuntos conjuntivos e os adjuntos modais, sendo os primeiros elementos que estabelecem uma relação da oração com o texto que a precede e os últimos aqueles que expressam a opinião do falante com relação à relevância da mensagem. Halliday

(1994) descreve como exemplos de adjuntos conjuntivos *therefore, actually, however, meanwhile* (*portanto, na verdade, entretanto, ao mesmo tempo*). Alguns dos adjuntos modais citados por Halliday (1994) são *probably, personally, on the whole, apparently* (*provavelmente, pessoalmente, em geral, aparentemente*). Ambos constituem-se em opções não marcadas. Dois exemplos desses elementos em posição temática traduzidos de Halliday (1994, p. 50) seriam *portanto* e *provavelmente* em:

(8)

Portanto	o esquema foi abandonado
Tema	Rema

(9)

Provavelmente	eles não entenderam
Tema	Rema

Ambos os adjuntos modais e conjuntivos são considerados por Halliday como tipicamente temáticos, pois a posição natural de uma opinião do falante bem como a de um elemento de ligação com o que vem antes é o início da frase. No entanto, por ser essa uma questão de escolha, é possível que o falante decida não colocar tais expressões em posição inicial e não tomá-las como ponto de partida da mensagem. Nesse caso, os elementos em questão são posicionados no Rema, embora seja a opção menos comum.

Um outro tipo de elemento que também pode desempenhar um papel importante na estrutura temática são as conjunções e os pronomes relativos. As conjunções estabelecem uma relação da oração na qual se encontram com a precedente dentro de uma mesma sentença. Além de relacionar semanticamente duas orações (como fazem os adjuntos conjuntivos), as conjunções também definem uma relação gramatical no complexo oracional, transformando-o em uma estrutura única. Observe a tematização natural da conjunção na segunda oração do complexo oracional abaixo.

(10)

Ele	foi ao banco	porque	precisava depositar dinheiro
Tema	Rema	Tema	Rema
Tema		Rema	

O complexo oracional acima é constituído por duas orações sendo a segunda o Rema da primeira. Observando as duas orações separadamente verificamos que a segunda é iniciada pela conjunção *porque*, que é um Tema não marcado haja vista sua ocorrência mais usual na língua nesta posição.

Em se tratando dos pronomes relativos, podemos dizer que eles são substantivos ou advérbios que funcionam como sujeito, adjunto ou complemento relacionando duas orações. No exemplo (11) abaixo, observamos o pronome relativo *que* em posição temática funcionando como sujeito e introduzindo a segunda oração do complexo.

(11)

Ele	foi ao banco	que	estava aberto
Tema	Rema	Tema	Rema
Tema		Rema	

Diferentemente dos adjuntos conjuntivos e modais citados nos parágrafos anteriores, as conjunções e os pronomes relativos são obrigatoriamente temáticos, isto é, se um deles está presente, ele deve vir em posição inicial. Por esta razão, são considerados Temas não marcados.

O reconhecimento e análise de todos esses Temas característicos são de grande valia para que se entenda o funcionamento da estrutura temática, pois a sua tematização não é opcional, ou seja, os referidos elementos são temáticos por natureza. Sendo assim, quando um desses elementos está presente, ele não “consome” todo o potencial temático da oração, deixando para o(s) termo(s) que o segue(m), uma certa força temática. Esse tipo de estrutura denominada por Halliday (1994, p. 52) como Tema múltiplo traz à tona um outro ponto a ser

levado em consideração que é a extensão do Tema, isto é, onde ele termina e o Rema começa.

Para tanto, deve-se lembrar que a oração tem o potencial de expressar significados experienciais, textuais e interpessoais. Os adjuntos modais e conjuntivos acima citados expressam significados interpessoais e textuais e funcionam como elementos introdutórios do conteúdo ideacional da mensagem; eles servem para estabelecer uma ligação lógica e coerente entre o que vai ser dito com o que está em volta. Por isso, é natural que tais elementos venham em primeiro lugar na oração.

De acordo com Thompson (1996), os elementos textuais e interpessoais indicam a localização e o “encaixe” do ponto de partida da mensagem, mas não sinalizam *qual* será o ponto de partida. Com o objetivo de identificar essa “massa” temática, Halliday faz referência à Metafunção Experiencial da linguagem, descrita brevemente na introdução desse capítulo. A oração, de acordo com essa Metafunção, representa um processo da experiência humana que é composto por três itens: o próprio Processo, os Participantes e os fatores circunstanciais (cf. item 3.2). O Tema engloba apenas um desses elementos e termina com o primeiro constituinte experiencial. Para simplificar, podemos dizer que o Tema se estende desde o início da oração até (e incluindo) o primeiro elemento experiencial (chamado de Tema Topical por Halliday, 1994 e de Tema Experiencial por Thompson, 1996) que pode ser um Processo, Participante ou Circunstância.

Vários elementos podem preceder o Tema Topical como, por exemplo, os adjuntos conjuntivos e modais, conjunções, continuativos (itens do tipo *sim, não, bem*, etc. também chamados de marcadores discursivos), sendo os adjuntos conjuntivos e as conjunções Temas Textuais e os adjuntos modais e continuativos Temas Interpessoais. A oração a seguir adaptada da *Introduction to Functional Grammar* (Halliday, 1994, p. 56) ilustra o desencadeamento do Tema múltiplo com suas subdivisões até seu ponto culminante que é o Tema Topical onde está presente o elemento experiencial, que neste caso está expresso por uma Circunstância.

(12)

por outro lado	talvez	em uma semana	o lugar estaria menos lotado
conjuntivo	modal	topical	Rema
textual	interpessoal	experiencial	
Tema			

Halliday cita, ainda, o Tema Predicado, uma estrutura que também contribui para a organização da oração. Em português, ele aparece nas orações clivadas que consistem em uma construção iniciada pelo verbo ser com pronomes relativos e que permite ao falante colocar em destaque o sujeito, complementos e adjuntos conforme (13) e (14) (Thompson, 1996, p. 128).

(13)

Não é a tecnologia	que está errada
Tema	Rema

(14)

Somos nós	que não aprendemos como usá-la
Tema	Rema

De acordo com Perini (1995), os constituintes formais das orações clivadas são os seguintes: (a) verbo ser no começo da oração no mesmo tempo em que está o verbo principal da oração primitiva; (b) termo marcado; (c) item *que* (m) e (d) outros termos da oração primitiva. Longhin (1999) explica que a clivagem é uma estratégia utilizada para focalizar a informação que é mais relevante, isto é, dar ênfase ao tópico mais importante entre os participantes. Isso remete à própria natureza do Tema que propõe a posição inicial da oração para os elementos base da mensagem.

De acordo com Thompson (1996), o falante faz uso do Tema Predicado ou construções clivadas objetivando enfatizar um certo elemento da oração em

formas discursivas onde o recurso da entonação não é possível, como na escrita, por exemplo. Desta forma, o falante guia o leitor para um padrão menos natural de ênfase, ou seja, um padrão que precisa ser destacado para que se perceba que ele é o foco. Essa é uma categoria relevante de análise uma vez que seu uso depende da vontade do falante de enfatizar um conteúdo específico. A identificação desse tipo de recurso nos textos analisados nessa pesquisa pode apontar quais as idéias os professores participantes desejam destacar e, por conseguinte entender o que eles vêem como mais importante na sua profissão.

Halliday (1994) explica que tanto em oração com Tema Predicado como *“It is love that makes the world go round.”* (*É o amor que faz o mundo girar*) quanto naquelas em que há um comentário tematizado como *“It’s encouraging that they’re prepared to give it a trial.”* (*É encorajador que eles estejam preparados para experimentar isso*) o Tema é o primeiro item da oração (prônimo *it*), o que em português corresponderia ao verbo *ser*. Por outro lado, Thompson (1996) argumenta que faz muito mais sentido incluir no Tema o constituinte da oração que aparece no Tema Predicado bem como o comentário nos casos de comentário tematizado uma vez que, segundo o autor, a simples rotulação do *it* (em português o verbo *ser*) como Tema apagaria o método de desenvolvimento do texto.

Até agora observamos os padrões temáticos dentro do construto oracional, no entanto, o discurso também dispõe de estruturas completas que representam o ponto de partida da mensagem. Os textos também possuem um ponto de partida representado pelo primeiro parágrafo que normalmente serve de moldura para a estrutura principal que virá em seguida (Butt et al., 1998). Já o que chamamos de tópico frasal, por exemplo, é na verdade, o Tema de um parágrafo. Se levarmos em consideração a estrutura temática nesse nível supra segmental, encontraremos também orações como Tema de uma estrutura complexa conforme (15) (Halliday, 1994, p. 56).

(15)

Dê a chaleira	se você não gosta dela
Tema	Rema

No exemplo acima nota-se a presença de uma oração dominante (núcleo) seguida por uma modificadora (dependente). Nesse caso, a oração núcleo (*dê a chaleira*) é o Tema do complexo oracional enquanto que a oração dependente (*se você não gosta dela*) é o Rema. O contrário também é possível como em “*se você não gosta daquela chaleira, dê-a*” onde “*se você não gosta daquela chaleira*” foi escolhido como Tema do complexo oracional no intuito de enfatizar o fato de que a pessoa não gosta da chaleira. Thompson (1996) acrescenta que a ordem oração dominante + oração dependente pode ser invertida com o objetivo de tematizar o conteúdo da oração modificadora e tratá-lo como ponto de partida da mensagem. Vale ressaltar que Halliday (1994) procura dar conta somente de estruturas do tipo *oração núcleo + oração modificadora* (ou o contrário) quando trata de orações que funcionam como Tema, afastando-se para apenas um nível acima da oração.

Após essa discussão sobre as características do Tema e seus desdobramentos, é possível sugerir que o que aparece em posição inicial expressa um tipo importante e diferenciado de significado, pois sua localização sinaliza o desenvolvimento do texto (Butt et al, 1998). É por meio do Tema que o falante/escritor antecipa as necessidades do ouvinte/leitor que não deve ser surpreendido pela escolha do Tema já que este deve ser de conhecimento geral, a base da mensagem (Ibid). Dito isso e buscando um esclarecimento mais semântico, é possível inferir que o conteúdo do Tema normalmente já é estabelecido, fixo na concepção do falante, representa uma idéia consumada, do conhecimento de todos.

Através da repetição do Tema e da incorporação do Rema de uma oração no Tema da seguinte, o falante/escritor realiza a progressão do texto de uma forma lógica e previsível. A análise dessa progressão nos permite identificar diversas estratégias discursivas que podem vir a mostrar não só significados imbricados nas preocupações do falante/escritor, como também o foco psicológico do texto e sua transparência. Sendo assim, podemos dizer que o Tema é o ponto de partida da mensagem, a base sobre a qual o enunciado se constrói. A sentença “deslança” a partir do elemento na posição temática.

Nesta pesquisa, enfocaremos o Tema em dois níveis. Primeiramente, serão considerados os Temas das primeiras orações de cada complexo oracional, ou seja, identificaremos o primeiro elemento experiencial das orações iniciais das sentenças. Em segundo lugar, identificaremos o Tema do complexo oracional, isto

é, a primeira oração considerada como Tema da sentença. Através do reconhecimento do elemento que é colocado em primeiro lugar nos períodos bem como das orações que os iniciam, teremos ferramentas para determinar não apenas as preocupações desses autores como também o foco de conteúdos de suas produções textuais.

3.2

Metafunção Ideacional - Sistema de Transitividade

Como já foi dito anteriormente, a oração é um construto capaz de expressar três tipos de significado de acordo com as metafunções da linguagem. A metafunção *textual* refere-se à oração como mensagem organizando o conteúdo em um significado lógico ou experiencial. Já a metafunção *interpessoal* denota a característica que a linguagem tem de ser utilizada para estabelecer trocas entre as pessoas, bem como as relações entre o falante e o ouvinte durante a interação. A terceira metafunção da linguagem denominada *ideacional* ou *experiencial* refere-se à possibilidade que a linguagem oferece de ser usada para falar-se sobre o mundo, e sobre experiências. Através da linguagem são criados significados experienciais, e a oração é o meio pelo qual isso se dá uma vez que ela pode expressar os processos que controlam e denotam a realidade.

De acordo com Halliday & Matthiessen (2004), a experiência humana é entendida como um fluxo de acontecimentos e eventos materializados através de Processos. Processos (geralmente representados por verbos) subentendem Participantes que estão envolvidos de alguma forma no seu desenrolar, e Circunstâncias de tempo, espaço, modo, etc. que não estão ligadas diretamente ao Processo, mas são adjacentes a ele. Sendo assim, a oração representa um modo de reflexão atingido na gramática por meio do sistema de Transitividade que constrói a experiência humana em vários tipos de Processos, cada um deles representando um tipo de experiência, à qual corresponde um esquema particular de estruturação.

Halliday identifica três tipos principais de Processos (Materiais, Mentais e Relacionais) que representam os alicerces da gramática como teoria da experiência e estão presentes em grande parte das sentenças de um texto. Existem

ainda três outros tipos secundários de Processo (Verbais, Comportamentais e Existenciais) que se encontram nos limites entre os três principais.

Com relação aos três principais, podemos dizer que os Processos Materiais e Mentais derivam da consciência adquirida por qualquer indivíduo desde muito cedo de que existem dois tipos de percepção e vivência da experiência humana: externa e interna. A vivência externa refere-se à nossa capacidade de perceber o que está acontecendo à nossa volta, como as pessoas agem e o que elas fazem acontecer. A categoria gramatical responsável por expressar esse tipo de acontecimento são os Processos Materiais. A experiência interna, por sua vez, está relacionada àquilo que sentimos dentro de nós, nossas reflexões e imaginações. Essa vivência, que deriva da experiência externa, uma vez que constitui uma forma de reagir e refletir sobre os fatos do mundo exterior, é representada pelos Processos Mentais. Em se tratando dos Processos Relacionais, podemos afirmar que se referem à característica do ser humano de generalizar e relacionar um fragmento da experiência a outro, identificando, desta forma, que uma coisa é igual à outra, ou caracterizando-a através de um atributo (cf. detalhes sobre a noção de *atributo* em 3.2.3).

Nas fronteiras entre os tipos de Processos citados acima, encontramos Processos secundários, cujas delimitações não são tão claras já que possuem características comuns aos seus “vizinhos”. Primeiramente, na fronteira entre os Processos Materiais e Mentais, temos os Processos Comportamentais que representam manifestações exteriores de estados psicológicos (*eles dormiam*) bem como de fenômenos internos, da consciência (*as pessoas riram*). Já entre os Mentais e Relacionais, podemos identificar os Processos Verbais, responsáveis por representar relações simbólicas construídas na mente humana e exteriorizadas via linguagem. Em *eles dizem que são inocentes*, o Processo representado pelo verbo *dizer* é do tipo Verbal. Finalmente, temos os Processos Existenciais, localizados na fronteira entre os Relacionais e Materiais. Essa categoria dá conta de todos os fenômenos que *são*, *existem* ou *acontecem*, como em *há uma cristaleira na sala de estar*.

É importante ressaltar que, de acordo com Halliday & Matthiessen (2004), os diversos tipos de Processos utilizados para representar a experiência humana podem ser representados em uma espécie de disco onde seus limites se sobrepõem e onde não existe preferência de um sobre o outro, isto é, eles são organizados de

forma contínua e não em extremos que vão de um pólo ao outro. O mundo da experiência não é claro, pelo contrário, ele é um sistema guiado por grande indeterminação, ou seja, há várias formas de representar um mesmo domínio da experiência humana e os diferentes tipos de processos contribuem de forma distinta para a construção do mundo e da experiência. A figura a seguir retirada de *An Introduction to Functional Grammar* (2004) mostra como os Processos se entrelaçam de forma difusa e contínua.

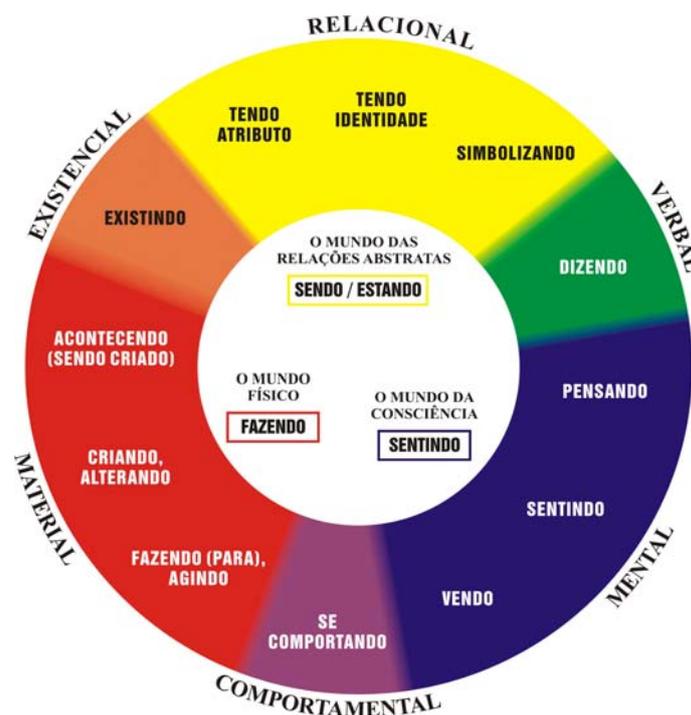


Figura 3.4 - Disco de Processos adaptado de Halliday (1994) e Cunha e Souza (2007).

A união do Processo, dos participantes nele envolvidos e das circunstâncias a ele associadas dá origem ao que Halliday & Matthiessen (2004) chamam de *figure*, uma configuração que fornece um esquema para interpretação da experiência e do fluxo de acontecimentos à nossa volta. Por exemplo, quando dizemos *está chovendo* temos um fenômeno, que, em algumas línguas, pode ser descrito de forma diferente como *água está caindo* ou *o céu está despejando água*. Sendo assim, cada língua tem uma forma (*figure*) de representar um fragmento da experiência.

Nessa configuração, Halliday & Matthiessen (2004) explicam que o Processo é o elemento mais central e os Participantes estão diretamente

envolvidos nele, causando ou sendo afetados pela mudança que aquele determina⁶. Enquanto os Participantes são inerentes ao Processo, as Circunstâncias são, na maioria das vezes, argumentações opcionais que indicam tempo, espaço, causa, etc., normalmente periféricas ao centro experiencial (Processo + Participantes) da oração. Cada um desses elementos constrói uma faceta da mudança, os Processos, por exemplo, representam a transigência, o desenrolar da experiência no tempo de forma efêmera. Os Participantes expressam permanência, isto é, são mais estáveis e duradouros no tempo. A Figura abaixo indica a categoria gramatical que geralmente realiza cada tipo de elemento experiencial da oração exposto acima.

Elemento experiencial	Realização típica
Processo	Grupo verbal
Participante	Grupo nominal
Circunstância	Grupo adverbial ou sintagma preposicional

Figura 3.5 - Realização típica de cada elemento experiencial

Os Processos são realizados por grupos verbais e, devido a sua constante transitoriedade, desenvolveram o sistema de tempo verbal para localizar a ocorrência do Processo no tempo. Por outro lado, notamos que os Participantes são freqüentemente realizados por grupos nominais que desenvolveram o sistema de determinação ou indeterminação para localizá-los no espaço.

A seguir, farei um breve apanhado do que significa cada um dos seis tipos de Processos identificados por Halliday & Matthiessen (2004), bem como os Participantes e Circunstâncias tipicamente a eles relacionados.

⁶ Até mesmo os Processos Relacionais podem indicar uma mudança identificada como mudança inerte (cf. p.57).

3.2.1

Processos Materiais

Os Processos Materiais constituem ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis que acontecem graças a um *input* de energia. Essa fonte de energia que provoca a mudança é geralmente representada pelo Ator, o Participante que, de fato, realiza a ação levando a um desfecho que é diferente do estado inicial. Na gramática tradicional, o Ator é geralmente o sujeito da oração, o elemento responsável pela mudança explicitada pelo Processo como, por exemplo, “*o mecânico*” em “*o mecânico ajustou os freios do carro*”. Nesse tipo de análise tradicional, em construções passivas, o Ator é classificado como adjunto, como em “*os freios do carro foram ajustados pelo mecânico*”, onde “*meecânico*” pode até mesmo ser omitido.

De acordo com a LSF, considera-se que ambos os casos revelam uma configuração do tipo Ator + Processo + Meta, entretanto, o mapeamento dessa estrutura é diferente nos dois tipos de construções. Na variante operativa (ativa), o Ator é o sujeito e possui a responsabilidade pela ação. Na construção receptiva (passiva), a Meta é o sujeito.

(16)

O mecânico	ajustou	os freios do carro
Ator (sujeito)	Processo Material	Meta

(17)

Os freios do carro	foram ajustados	(pelo mecânico)
Meta (sujeito)	Processo Material	Ator

Nos casos em que o Ator é o único participante da oração, dizemos que se trata de um acontecimento ou um processo intransitivo na terminologia tradicional. Quando o Processo se estende a um outro participante, denominado Meta, ele é chamado de Processo transitivo. Tomemos os exemplos (18) e (19) abaixo traduzidos e adaptados de Halliday & Matthiessen, 2004, p. 180.

(18)

O leão	rugiu
Ator	Processo Material

(19)

O leão	atacou	os turistas
Ator	Processo Material	Meta

Em ambos os casos, *o leão* é o Ator uma vez que é ele que faz algo, que provoca a mudança. No entanto, no primeiro caso, o verbo ‘rugir’ é visto como intransitivo enquanto que o verbo ‘atacar’ estende-se a outra entidade, configurando-se, portanto, como um verbo transitivo que precisa do que Halliday chama de Meta (*os turistas*) para fazer sentido. Sendo assim, as orações materiais expressam Processos de fazer e acontecer que podem ser direcionados a uma outra entidade ou não.

Além do Ator e da Meta, existem outros Participantes que desempenham papel relevante na configuração das orações materiais. São eles: Escopo e Beneficiário. O Escopo não é de forma alguma afetado pelo Processo, pelo contrário, ele constrói o ambiente em que o processo ocorre como em (20) ou constitui o processo propriamente dito conforme (21), ambos os exemplos traduzidos e adaptados de Halliday & Matthiessen, 2004, p. 192.

(20)

Suba	os degraus
Processo Material	Escopo

(21)

Ele	tomou	banho	assim que acordou
Ator	Processo Material	Escopo	Circunstância

Em contraste, o Beneficiário é afetado pelo Processo de uma forma beneficiária, é aquele para o qual coisas são dadas (22) ou para o qual serviços são feitos (23).

(22)

O gerente	deu	os arquivos	para a secretária
Ator	Processo Material	Meta	Beneficiário

(23)

Fred	construiu	uma casa	para Maria
Ator	Processo Material	Meta	Beneficiário

3.2.2

Processos Mentais

Os Processos Mentais lidam com a apreciação do mundo relacionada com a experiência da nossa própria consciência. Enquanto as orações Materiais são Processos do fazer ou do acontecer, as Mentais são Processos do sentir, do perceber, do conhecer e do desejar que podem tanto fluir da consciência do indivíduo experienciador como atingir essa consciência. Halliday & Matthiessen (2004) identificam quatro tipos de Processos Mentais que expressam: emoção (*eu gosto de salada*), cognição (*eu lembro da minha infância quando costumávamos ir ao parque aos domingos*), percepção (*estou sentindo alguma coisa nos meus pés*) e desejo (*nós gostaríamos de provar a sopa*).

Diferentemente dos Processos Materiais, os Mentais sempre possuem um participante de natureza humana que é chamado Experienciador visto que é ele quem sente, pensa, quer ou percebe algo. Sendo assim, esse ser é obrigatoriamente dotado de consciência como podemos observar em (24) traduzido de Halliday & Matthiessen, 2004, p. 201.

(24)

Maria	gostou	do presente
Experienciador	Processo Mental	Fenômeno

Dependendo do contexto discursivo ou cultural, do registro, etc. podemos escolher dar consciência a qualquer entidade animada ou não e, caso o desejemos fazer, basta atribuir o papel de Experienciador do Processo Mental a essa entidade e a tornaremos um ser consciente. Observe (25), traduzido e adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p. 202.

(25)

A casa	sentia saudades	das crianças
Experienciador	Processo Mental	Fenômeno

Nesse caso, ao posicionar *a casa* no contexto gramatical de Experienciador do Processo Mental *sentia saudades*, fazemos com que a mesma seja entendida como provida de consciência (Halliday & Matthiessen, 2004).

Em contraste, percebemos em (24) e (25) que o outro participante dos Processos Mentais não é tão restrito quanto o experienciador. Trata-se do Fenômeno, que designa o que é sentido, pensado, percebido ou desejado pelo Experienciador. O Fenômeno pode ser realizado por qualquer classe gramatical representando uma coisa, um ato ou um fato já que todos esses elementos podem ser um objeto da consciência.

3.2.3

Processos Relacionais

Os Processos Relacionais estabelecem uma conexão entre as entidades, caracterizando-as ou identificando-as. Como vimos anteriormente, os Processos Materiais e Mentais modelam a experiência do fazer e do sentir, respectivamente.

Os Processos Relacionais têm a capacidade de construir essas experiências do mundo exterior e interior em uma relação de *ser*. Eles denotam uma mudança que ocorre de forma inerte, sem o *input* de energia (Halliday & Matthiessen, 2004).

Em se tratando dos participantes típicos dos Processos Relacionais, podemos dizer que existem sempre duas entidades relacionadas através de um processo do *ser*. Tal relação pode ser do tipo caracterizadora (também conhecida como atributiva) ou identificadora. Nas orações atributivas, existe uma entidade (Portador) à qual uma outra lhe é atribuída (Atributo). O Atributo é normalmente uma qualidade ou entidade indefinida e a ordem Portador + Processo Relacional + Atributo não é reversível, conforme mostra (26) abaixo:

(26)

Os cachorros	são	criaturas dóceis
Portador	Processo Relacional	Atributo

Em (26) temos *os cachorros* como portadores do atributo *criaturas dóceis*. A realização desta função dá-se através de um grupo nominal indefinido com um núcleo (*criaturas*) pré-modificado por um adjetivo (*dóceis*).

Com relação às orações relacionais identificadoras, observamos que existe um elemento chamado de Identificado ao qual uma identidade é atribuída através do elemento Identificador. Nesse caso, o elemento identificador é específico e determinado e a ordem Identificado + Processo Relacional + Identificador pode ser revertida, como vemos em (27) e (28).

(27)

O cão	é	o melhor amigo do homem
Identificado	Processo Relacional	Identificador

(28)

O melhor amigo do homem	é	o cão
Identificador	Processo Relacional	Identificado

Nos exemplos acima, percebemos que o elemento Identificado (*cão*) pode ser invertido com seu Identificador (*o melhor amigo do homem*).

Paralelamente a essa classificação das orações relacionais, temos um outro sistema que as divide em intensivas, possessivas e circunstanciais de acordo com o verbo que aparece em cada uma delas. Esses dois tipos de classificação se interrelacionam dando origem a seis categorias de orações Relacionais, como mostra a Figura a seguir traduzida de *An Introduction to Functional Grammar* (Halliday & Matthiessen, 2004, p. 216).

	(i) atributivas "a é um atributo de x"	(ii) identificadoras "a é a identidade de x"
(1) Intensiva "x é a"	Sarah é esperta.	Sarah é a líder; a líder é Sarah
(2) Possessiva "x tem a"	Pedro tem um piano	O piano é do Pedro; do Pedro é o piano
(3) Circunstancial "x é em a"	A feira é na terça	Amanhã é dia 10; dia 10 é amanhã

Figura 3.6 - Relação entre as principais categorias de orações relacionais

De acordo com Halliday & Matthiessen (2004), as orações Intensivas, Possessivas e Circunstanciais ligam um fragmento da experiência ao outro de formas diferentes e podem ser atributivas (não reversíveis) ou identificadoras (reversíveis)⁷.

3.2.4

Processos Verbais

Os Processos Verbais referem-se aos verbos que expressam o dizer, que comunicam ou apontam algo. Eles são um recurso importante em diversos tipos de discurso uma vez que contribuem para a criação de diálogos e narrativas. Além disso, são utilizados também para atribuir autoria de discurso a diversas fontes nos

⁷ Como esta pesquisa não vai analisar a oração de acordo com esta classificação, a discussão da mesma não foi aprofundada neste trabalho (pode ser conferida em Halliday & Matthiessen, 2004, p. 215).

mais variados meios da experiência humana (reportagens, discurso acadêmico, testemunhas, etc.).

Passemos a analisar agora os participantes desse tipo de processo. Primeiramente temos o Dizente que é aquele que aponta algo; este pode ser um ser consciente ou não, por exemplo em *o estudo diz que um quarto da empresa é composto por mulheres* o termo *o estudo* representa o Dizente. Em segundo lugar, temos o Receptor, um participante opcional para quem o processo se dirige, cuja realização corresponde normalmente a um grupo nominal denotando um ser consciente, ou seja, um falante em potencial, uma instituição ou coletividade. Os exemplos abaixo traduzidos e adaptados de Halliday & Matthiessen (2004, p. 255), podem ilustrar os principais Participantes das orações verbais.

(29)

Conte	me	a verdade
Processo Verbal	Receptor	Verbiagem

(30)

Descreva	para o júri	a cena do acidente
Processo Verbal	Receptor	Verbiagem

Em (29) e (30) observamos respectivamente *me* (eu) e *júri* no papel de receptor uma vez que são eles os participantes para os quais os Processos Verbais *contar* e *descrever* se dirigem. Nos mesmos exemplos, *a verdade* e *a cena do acidente* desempenham o papel de um outro participante típico dos Processos Verbais que é a Verbiagem. A Verbiagem é o corresponde ao conteúdo do que é dito ou codificado.

Por fim, temos o participante denominado de Alvo devido à sua característica de representar aquilo/aquele que o processo verbal deseja “atingir”. O alvo pode ser encontrado em alguns tipos de orações verbais e seu papel lembra a estrutura Ator + Meta dos Processos Materiais, conforme mostra (31).

(31)

Ele	acusou	o irmão	de ter desorganizado os armários
Dizente	Processo Verbal	Alvo	Verbiagem

3.2.5

Processos Comportamentais

Os Processos Comportamentais são responsáveis pela construção do comportamento humano, incluindo atividades psicológicas, fisiológicas e verbais, como por exemplo sonhar, respirar, murmurar, etc. Esse tipo de Processo não é uma categoria claramente definida visto que tem características pertencentes aos dois processos cujas fronteiras delimitam sua área de atuação: os materiais e os mentais. Por exemplo, Halliday & Matthiessen (2004) classificam os Processos *olhar* e *ouvir* como Comportamentais mais próximos aos Mentais, porque incluem “percepção” e *dançar, cantar e sentar* como Comportamentais mais próximos aos Processos Materiais, porque incluem “fazer”.

O participante que está “se comportando” é sempre um ser consciente (tal como o Experienciador dos Processos Mentais) e é chamado de Comportante. A maioria das orações é composta por apenas esse participante que se acopla ao processo, formando enunciados do tipo (32) e (33), traduzidos de Halliday & Matthiessen, 2004, p. 251.

(32)

Ninguém	está ouvindo
Comportante	Processo Comportamental

(33)

Ele	está sempre murmurando
Comportante	Processo Comportamental

No entanto, algumas sentenças contam ainda com um elemento denominado Behaviour que pode ser comparado ao Escopo dos Processos Materiais devido a sua característica de se estender ao processo. Observe (34) traduzido de Halliday & Matthiessen, 2004, p. 251.

(34)

Ela	cantou	uma canção
Comportante	Processo Comportamental	<i>Behaviour</i> ⁸

Em (34) o Behaviour *uma canção* funciona como uma extensão do processo comportamental *cantar*.

3.2.6

Processos Existenciais

Os Processos Existenciais representam algo que existe ou acontece e muito podem contribuir para o desenvolvimento de um texto, pois eles introduzem personagens, e ajudam a criar o contexto, sendo fundamentais na descrição de ambientes e situações. Em português, os Processos Existenciais são realizados primordialmente pelos verbos *haver* e *existir*. As orações Existenciais são construídas com apenas um participante, o Existente, e algumas delas possuem ainda um elemento circunstancial de tempo ou lugar. O exemplo (35) abaixo ilustra esse tipo de processo.

(35)

Há	uma pessoa	na porta
Processo Existencial	Existente	Circunstância

⁸ Termo ainda não traduzido na lista de sistêmica
[<http://www.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/artigos/TermosGSF.pdf>].

Após essa breve exposição de todos os tipos de processos descritos por Halliday & Matthiessen (2004), cabe fazer uma síntese de suas definições e participantes conforme mostra a Figura a seguir.

Processo	Significado	Participantes
Material	fazer	Ator / Meta / Escopo / Beneficiário
Mental	perceber / pensar / gostar	Experienciador / Fenômeno
Relacional	ser / estar	Portador / Atributo / Identificado / Identificador
Verbal	falar / dizer	Dizente / Receptor / Verbiagem
Comportamental	comportar-se	Comportante / Behaviour
Existencial	existir / haver	Existente

Figura 3.7 - Resumo de significados de Processos e respectivos Participantes